

ÍNDICE

Nota editorial de António Carlos Carvalho.....	13
Prefácio de Paulo Brandão	15
Da Génese: o possível improvável	17
Prólogo.....	19
 <i>I – António Telmo.....</i>	 23
1. <i>Ver sem ver</i>	25
 <i>II – A Terra Prometida.....</i>	 35
2. A glória da invenção	37
 <i>III – Arte Poética.....</i>	 47
3. Razão poética	49
 <i>IV – Gramática Secreta.....</i>	 67
4. Uma teoria da hermenêutica.....	69
 <i>V – A Verdade do Amor</i>	 91
5. Tripeça bandárrica	93

<i>VI – Luís de Camões e o Segredo dos Lusíadas</i>	105
6. O filósofo desconhecido	107
<i>VII – Páginas Autobiográficas</i>	131
7. Herança, diálogo e legado.....	133
<i>VIII – Capelas Imperfeitas</i>	149
8. Simplesmente Telmo?	151
<i>IX – O Horóscopo de Portugal</i>	163
9. Fenomenologia da Saudade	165
<i>X – Contos Secretos</i>	179
10. Humildade espiritual e iniciação maçónica	181
Epílogo.....	219

NOTA EDITORIAL

António Telmo nunca se considerou mestre de ninguém, nem que tivesse quaisquer discípulos. Queria apenas ser um velho companheiro e convidou-nos a que olhássemos para a mesma estrela. Nem todos ousaram fazer essa tarefa fundamental, o objectivo de uma vida. Este livro, *A Glória da Invenção*, de Pedro Martins e Risoleta C. Pinto Pedro, cumpre perfeitamente esse nobre desígnio. Dez ensaios e dez sonetos mostram que «o filósofo da Razão Poética devolveu o direito de cidade ao pensamento da tradição iniciática no século XX português, reatando uma cadeia» fundamental.

Os autores salientam que hoje, António Telmo pode ser tido como alguém «ignorado da maioria e da multidão», mas que é «na obscuridade que as grandes transformações se dão».

Traçando um esboço da futura biografia que nos prometem um dia dar, levam-nos até Almeida e às raízes familiares de Telmo, sublinham o percurso do «marrano que o próprio confessa ser» e que nos lembrava que «todos somos filhos da Inquisição», as «duas metades da essência da sua alma, judaica e cristã», o que Telmo devia a Álvaro Ribeiro e a Sampaio Bruno, as duas «figuras fundamentais do seu universo» e todos os outros pontos marcantes da vida e da obra riquíssima de Telmo.

Face ao que alguns fizeram, e ainda fazem – menosprezar e até mesmo fazer de conta que o pensamento de António Telmo não merece consideração – esta «aproximação ao pensamento iniciático» do autor



TELMO...

PREFÁCIO

Nome com origem grega e variados significados, todos ligados à doçura e ao rigor. Todos ligados ao total do ser, ao coração e à recta intenção. Em suma, um ser especial, um daqueles sábios que purificam o Mundo.

Conheci muito mal António Telmo. Penso que pessoalmente só falei com ele algumas vezes, estando ele entre aqueles que amam a Gaia Ciência. Como todos os grandes, admirava o recato.

Era um irmão que olhava para poder ver. O seu lado cardíaco estava bem controlado pelo lado seco da sabedoria.

Um dia li a *Gramática Secreta da Língua Portuguesa*. Foi o carregar do meu reconhecimento da essencialidade de António Telmo. Nesses tempos a minha vida de músico impunha uma análise vibracional da existência, estava desperto para o Verbo, pois *no princípio era a música*. Os músicos ainda são os Demiurgos, ainda abrem o pórtico subtil da verdade. Telmo mostra essa assunção, isso torna-o um sábio heterodoxo. Somente os sábios podem sê-lo, porque revelam aqueles que foram preparados pelo desejo indómito e inevitável do caminho que Todos os Filhos, de percalço em percalço, vão percorrer.

Telmo pretende tornar o esotérico como o essencial da Filosofia Portuguesa. (Ele o afirma e defende.) Sendo um heterodoxo, isso permite-lhe ensinar o essencial do pensamento.

Revela uma espiritualidade feminina, apta a conciliar os opostos e resolver as dissonâncias que afligem o caminho. A iniciação fornece um



2.

A GLÓRIA DA INVENÇÃO

A esta luz não surpreenderá que *Arte Poética*, o livro de estreia de António Telmo, saído a lume em 1963, se estruture em permanente diálogo com a filosofia intuicionista de Henri Bergson, que aliás lhe serve de base. Surgido ao cabo de um longo decénio formativo, patente na publicação, na imprensa periódica, de mais de duas dezenas de artigos que, denotando a influência alvarina, abarcam estudos linguísticos, filológicos, literários e estilísticos, a par da atenção prestada aos vultos tutelares de Teixeira Rego e, sobretudo, de Sampaio Bruno, por ele se regista o «duplo intuito de animar a filosofia e de reintegrar a poesia no pensamento»¹⁹. Avançando uma distinção muito clara entre «filosofia especulativa» e «filosofia operativa», dualidade não antagónica, mas complementar, em que esta última, dando testemunho da «experiência secreta», não raro cifrada na literatura superior, tomará a primeira como veículo de «expressão»²⁰, Telmo insurge-se, na verdade, «contra uma filosofia raciocinante, a que não corresponde nenhuma espécie de transmutação interior, e que constitui, afinal de contas, uma efémera evasão do mundo da acção, da qual sempre se regressa desiludido»²¹. O que o filósofo, de certo modo, aqui propõe já aos seus leitores é um comércio estreito e fecundo entre a via filosófica clássica e a tradição iniciática.

¹⁹ António Telmo, *Gramática Secreta da Língua Portuguesa precedida de Arte Poética*, Sintra: Zéfiro, 2014, p. 31.

²⁰ *Idem*, p. 33.

²¹ *Idem, ibidem*.



Catorze anos depois, em 1977, a *História Secreta de Portugal* vem celebrar, com um fulgor imenso, a notícia da mestria adquirida. Neste livro pioneiro, a que as novas gerações de contínuo rendem preito nos escaparates, o filósofo demonstra o anseio messiânico que, como um desígnio, configura o desenvolvimento histórico da pátria. Para tanto, estabelece, como sua linha reitora, uma ciclologia em que divisa três períodos consecutivos, e em que «a imagem perseguida pelo tempo» é «a do Quinto Império»²², sujeita porém a sucessivas degradações pelas vicissitudes do devir. À história de Portugal divide-a, pois, António Telmo

no ciclo heróico ou dos reis, no ciclo do clero e no ciclo do povo, de acordo com o esquema dos estados sociais do mundo medievo. O ciclo do povo coincide, no seu termo, com a implantação da República e principia com o Marquês de Pombal, quando a Igreja Católica perde o poder a favor da Maçonaria. O ciclo do clero começa em D. Manuel e define-se como tal com D. João III e o estabelecimento da Inquisição. Depois de 1910, não se nos representa novo ciclo, mas surge um período de indeterminação, dominado pela ideia de plebe. Entendemos por plebe as formas degenerescentes que assumem os três estados sociais – nobreza, clero e povo. Neste período, o princípio monárquico da história de Portugal está apenas confiado aos poetas e filósofos da profecia.²³

A esta leitura subjazem exercícios de uma hermenêutica sagaz. Antes de mais, no domínio da arquitectura, com a identificação, no Portal Sul dos Jerónimos, dos dois “intermediários celestes” da *Kabbalah* hebraica, *Metatron* e *Shekinah*, ali cifrados no Arcanjo São Miguel e em Santa Maria de Belém, simbolismo revelador de que a edificação do mosteiro «se liga à confirmação de um centro espiritual, significativo de um contacto real com o centro do mundo»²⁴; e com a decifração dos vinte medalhões simbólicos do claustro, suporte da leitura esotérica pela qual se revela a iniciação de Nicolau Coelho, comandante da nau *Bérrio* (também com o nome de *Arcanjo São Miguel*), que integrou a

²² António Telmo, *História Secreta de Portugal*, Sintra: Zéfiro, 2013, p. 35.

²³ *Idem, ibidem*.

²⁴ *Idem*, p. 44.



III – ARTE POÉTICA

*Quando a pergunta a si mesma se ultrapassa
E do pensar a poesia vem,
O valor supremo que a entrelinha faça
Não é zona que se leia com desdém.*

*Da efémera evasão à vã acção,
Todo um grito que metáfora imagina.
E nesse escuro sem cor, sem tradução
Onde a palavra lembrança se ergue e anima,*

*Nem fantasma, sonho ou recordação
Emergem claros despidos de emoção.
É sobre si que o espírito se enrola.*

*E se O que invoca lhe vem ter à mão,
Nem sempre cumpre a evocação
Se não olhar o alto da charola.*

